

---

## COMUNICAÇÃO EM LIBRAS: UM ESTUDO COM BASE NA REDE DE ESPAÇOS COMUNICATIVOS BÁSICOS

COMMUNICATION IN LIBRAS: A STUDY BASED ON BASIC COMMUNICATIVE SPACES NETWORK

**Valeria Fernandes Nunes<sup>1</sup>, Sandra Pereira Bernardo<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
valerianunes@letras.ufrj.br

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
sanpbernardo@gmail.com

Recebido em: 21 abr. 2018  
Aceito em: 11 jun. 2018

**Resumo:** Compreendendo a Língua Brasileira de Sinais como parte do artefato cultural do povo surdo, analisa-se um cartum que expressa uma comunicação com sinais da Língua Brasileira de Sinais, língua viso-espacial, à luz da Rede de Espaços Comunicativos Básicos (RECB) de Ferrari e Sweetser (2012). Esse modelo pode ser aplicado ao estudo de situações comunicativas, para modelar a representação do uso da língua, de modo a colaborar com a descrição do funcionamento linguístico e pragmático da Libras. Além da RECB, foram tomadas como fundamentação as seguintes propostas teóricas: Teoria de Espaços Mentais de Fauconnier (1985), no que tange aos primitivos discursivos - Espaço Base, Espaço Foco, Espaço Ponto de Vista e Espaço Evento, com base em Cutrer (1994) e a Teoria dos Espaços Mentais na visão de Sanders, Sanders e Sweetser (2009). Compreende-se que essa é uma ferramenta que descreve as situações comunicativas, quer seja em línguas orais, conforme os estudos basilares tomados como pressupostos, quer seja em língua de sinais, como é a proposta deste estudo. Após a análise, foi possível perceber que o modelo de RECB, por meio dos espaços metatextual, metalinguístico, epistêmico, atos de fala e espaço real, possibilitou a descrição de aspectos interacionais e cognitivos subjacentes à ação comunicativa expressa no cartum.

**Palavras-chave:** Libras. Linguística Cognitiva. RECB.

**Abstract:** Understanding the Brazilian Sign Language as part of the cultural artifact of the deaf people, it is analyzed a cartoon that express a communication with signs of the Brazilian Sign Language, visual and spatial language, in the light of Basic Communicative Spaces Network (BCSN) by Ferrari and Sweetser (2012). This study can be applied to communicative situations, to model the representation of the use of language, in order to collaborate with the description of the linguistic and pragmatic functioning of Libras. In addition to the BCSN, the following theoretical proposals were taken as theoretical basis: Fauconnier's Theory of Mental Spaces (1985), discursive primitives - Base Space, Space Focus, Space Point of View and Space Event, Cutrer (1994), and Theory of Mental Spaces by Sanders, Sanders and Sweetser (2009). It is understood that this is a tool that describes communicative situations, whether in oral languages, according to baseline studies taken as assumptions, or in sign language, as is the proposal of this research. After the analysis, it was possible to realize that the BCSN model, through the metatextual, metalinguistic, epistemic spaces, speech acts and real space, enabled the description of interactional and cognitive aspects underlying the communicative action expressed in the cartoon.

**Keywords:** Libras. Cognitive Linguistics. BCSN.

---

## Introdução

Neste estudo, propõe-se a análise de uma interação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) à luz da Rede de Espaços Comunicativos Básicos (FERRARI; SWEETSER, 2012). Como esse modelo postula uma base ampliada (*ground*) para descrição de situações comunicativas, pode colaborar com a descrição do funcionamento linguístico e pragmático subjacente ao uso da Libras.

Como objeto de estudo, foi selecionado um cartum que dispõe de uma comunicação com sinais da Libras. Sendo a Libras uma língua viso-espacial, os sinais foram registrados ao mesmo tempo, sem o registro da troca de turnos entre os falantes.

Na primeira seção, apresenta-se a Teoria de Espaços Mentais de Fauconnier (1985), que descreve esses espaços como estruturas cognitivas *online* ativadas durante a conversa por meio de estruturas linguísticas que funcionam como gatilhos para tal ativação: construtores de espaço mentais (*space-builders*). Também se escreve a respeito das contribuições de Cutrer (1994), a respeito dos primitivos discursivos (Espaço Base, Espaço Foco, Espaço Ponto de Vista e Espaço Evento).

Na segunda seção, descreve-se a Teoria dos Espaços Mentais desenvolvida por Sanders, Sanders e Sweetser (2009) e por Ferrari e Sweetser (2012): Rede de Espaços Comunicativos Básicos (RECB). Dentre as inovações propostas pela versão RECB, destacam-se duas contribuições: (i) a separação entre o ato de interação em si mesmo e o conteúdo efetivamente comunicado; e (ii) o *self*.

Na terceira seção, analisa-se uma ilustração em Libras, com três personagens e suas respectivas sinalizações com a temática sobre perdão. Dessa forma, verificam-se como aspectos metatextuais, metalinguísticos, epistêmicos, atos de fala e espaço real estão relacionados em um *Centro Dêítico da Comunicação - CDC (Ground)* e como o conteúdo veiculado relaciona-se a esse CDC em uma história com uma língua viso-espacial.

## Teoria dos Espaços Mentais

Fauconnier na obra *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*, em 1985, ao investigar meios de análise de questões linguísticas problemáticas, por exemplo, ambiguidades referenciais, desenvolve a Teoria dos Espaços Mentais (TEM). Esses espaços proporcionam o entendimento de sentenças, em um contexto, por meio de representações hipotéticas, temporais, espaciais, históricas, entre outras.

Pinheiro (2010) afirma que espaços mentais são como “estruturas cognitivas efêmeras criadas continuamente durante o desenrolar de uma interação comunicativa e utilizadas para compartimentar e gerenciar o fluxo de informação” (PINHEIRO, 2010, p. 27). Assim, durante a atividade discursiva, para indicar ao receptor de uma mensagem como e onde o conteúdo está sendo desenvolvido, as informações comunicativas são compartilhadas por meio de espaços a partir de pistas que contextualizam os dados nas frases presentes no ato discursivo.

Ao analisar o encadeamento tópico de uma conversa informal com base na TEM, Bernardo (2002) aponta as pistas fornecidas durante a comunicação que podem funcionar como gatilhos para ativação de espaços, a saber: “(i) construtores de espaços (*space-builders*)”, como “expressões linguísticas, sintagmas preposicionais, conectivos, advérbios, nomes etc.; (ii) marcadores gramaticais de tempo e modo; ou (iii) informação pragmática” (BERNARDO, 2002, p. 21). Assim, a abertura dos espaços é evidenciada através de alguma expressão linguística que age como pista para ativação de um novo espaço mental. Para exemplificar, Ferrari (*apud* PINHEIRO, 2010, p. 30) propõe os seguintes exemplos para construtores de espaços:

TIPO DE ESPAÇO CRIADO	EXEMPLO
Espaços geográficos	<i>Na Índia</i> , as vacas são animais sagrados
Espaços temporais	<i>Em 1964</i> , Martin Luther King ganhou o Prêmio Nobel da Paz
Espaços condicionais	<i>Se o presidente viajar</i> , o vice assumirá o cargo.
Espaços contrafactuais	Como seria a Terra, <i>se tivesse anéis como os de Saturno?</i>
Espaços de representação	<i>No quadro</i> , a moça de cabelo louro contempla a paisagem.
Espaços de domínios de atividade	<i>No futebol americano</i> , há jogadores que apenas defendem.

Tabela 1: Exemplos de construtores de espaço

Logo, na Teoria dos Espaços Mentais, encontram-se os espaços mentais, os construtores de espaços e a função pragmática, que revelam as conexões ou relações entre os espaços. Cutrer (1994), em *Time and tense in narratives and everyday language*, ao investigar tempos verbais, aplicou os primitivos de organização discursivos, propostos Fauconnier (1985), propondo uma conceptualização referente aos diferentes tipos de espaços mentais necessários para a representação linguística do TEMPO<sup>1</sup> através dos tempos verbais.

Os primitivos discursivos são: Espaço Base (B), Espaço Foco (F), Espaço Ponto de Vista (PV) e Espaço Evento (E). O Espaço Base é o início, o ponto de partida, onde se origina o discurso e onde a realidade é compartilhada entre os interlocutores. É a partir dele que outros espaços serão abertos. Na Base, há um enquadre temporal que inclui a conceptualização inicial do Ponto de Vista de onde as situações serão propostas.

<sup>1</sup> Seguindo a tradição na Linguística Cognitiva, Cutrer emprega o padrão versalete (PRESENTE), quando se refere ao nível conceptual do tempo. Utiliza inicial maiúscula para se referir ao Tempo verbal (Presente do Indicativo) em termos linguísticos e minúscula para se referir ao tempo cronológico (presente x passado x futuro).

O Espaço Foco é o local em que se organiza a informação transmitida em um dado momento, isto é, onde a sentença é contextualizada. No Foco, concentra-se a atenção do falante, por meio de pistas gramaticais, isto é, morfemas e estruturas sintáticas, que permitem a construção e identificação do Foco.

É a partir do Espaço Ponto de Vista que a informação em outros espaços é acessada. O PV, em termos gerais, pode ser relacionado ao ponto de vista narrativo. O Espaço Evento é o espaço temporal relacionado ao momento expresso pelo verbo. Dessa forma, a hierarquia presente na rede de espaços mentais terá diferentes configurações, devido às informações linguísticas e pragmáticas presentes na estrutura do discurso.

A relação entre esses espaços ocorre por meio do “Princípio de Acesso” ou “Princípio de Identidade”, que propõe a ligação entre dois elementos dos espaços mentais. Por exemplo, no domínio de vendas, é possível acessar ao domínio clientes, pois há uma conexão cognitiva entre o cliente e a venda de um objeto. Ressalta-se que o termo domínio está relacionado à organização da experiência humana em nossa mente. Para Langacker, o domínio é formado por “estruturas armazenadas na memória semântica permanente” (LANGACKER *apud* FERRARI, 2011, p. 49).

Para exemplificar a Teoria dos Espaços Mentais, propõe-se a análise das seguintes sentenças: a) Maria é boa cozinheira; e b) No futuro, Maria será boa cozinheira. Na frase “a”, no Espaço Base, encontram-se o Foco, o Ponto de Vista e o Evento corroborando para afirmação de Maria ser boa cozinheira no tempo atual (Fig. 1).

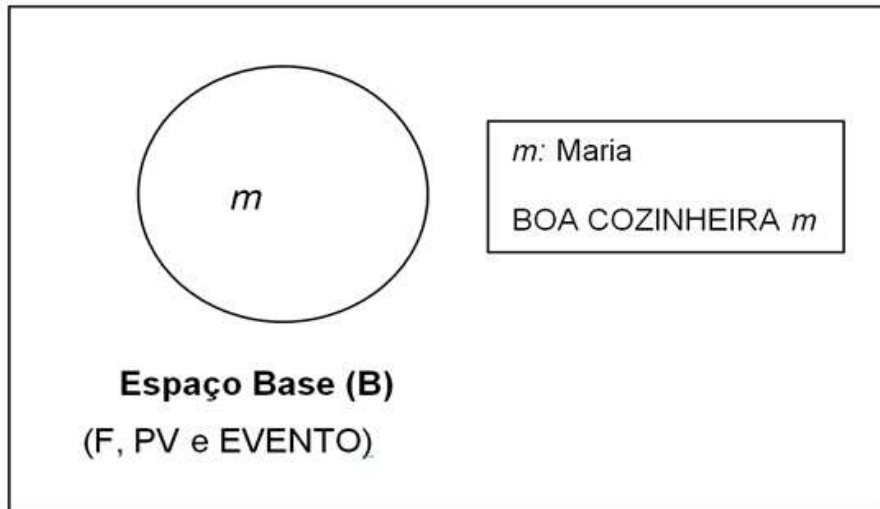


Figura 1 – Maria é boa cozinheira

Já na frase “b”, há o Espaço Base, representando o momento em que a frase foi proferida, mas o Ponto de Vista, o Foco e o Evento estão relacionados a uma ação futura de Maria ser boa cozinheira (Fig. 2).

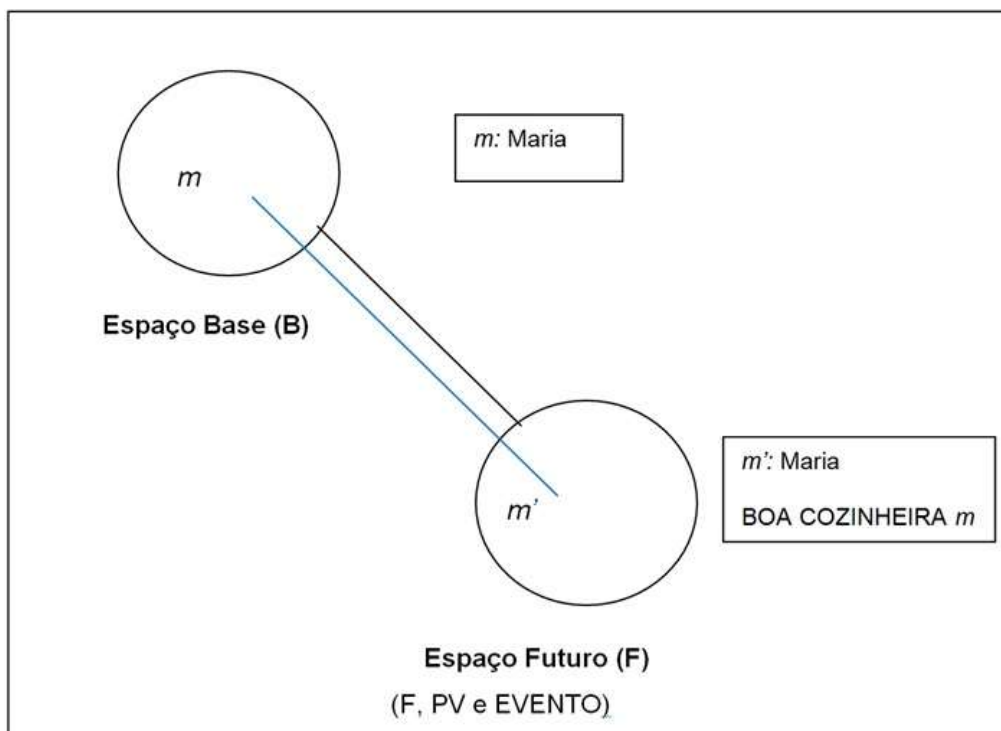


Figura 2 – No futuro, Maria será boa cozinheira

O diagrama da figura dois apresenta “duas Marias”. Uma é  $m$  no Espaço Base (B) que não tem a habilidade de ser boa cozinheira e outra no Espaço Futuro,  $m'$ , que é boa cozinheira. A linha que une  $m$  a  $m'$  demonstra visualmente a mesma pessoa, representando que a primeira não tem uma habilidade, mas a segunda sim.

### Rede de Espaços Comunicativos Básicos

A Teoria dos Espaços Mentais, desenvolvida por Sanders, Sanders e Sweetser (2009) e por Ferrari e Sweetser (2012), denominada Rede de Espaços Comunicativos Básicos (RECB), consiste em “uma rede conceptual de espaços mentais que melhor dá conta de representar a situação comunicativa” (FERRARI; ANDRADE, 2015, p.1). Dentre as inovações propostas pela versão RECB, destacam-se duas contribuições: (i) a separação entre o ato de interação em si mesmo e o conteúdo efetivamente comunicado; (ii) o *self* não unificado, mas heterogêneo.

Em relação à primeira contribuição, a situação comunicativa tem sido intitulada como *Centro Dêitico da Comunicação – CDC* (SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009) ou *Ground – G* (LANGACKER, 2008; FERRARI; SWEETSER, 2012). Logo, a situação comunicativa é representada no diagrama em um espaço e o conteúdo veiculado em outro, Domínio do Conteúdo.

A respeito da segunda contribuição, os participantes do ato comunicativo não são só sujeitos que executam atos de fala, mas sim possuidores de duas facetas: seres em um espaço físico e temporal e seres dotados de capacidades cognitivas. Logo, se o *self* é multifacetado ocorrerá a apresentação dos interlocutores, emissor e receptor, em diferentes espaços mentais dentro do *ground* ou CDC, que estão atrelados às funções pragmáticas via ao Princípio de Acesso ou Princípio de Identidade.

Essas facetas estão relacionadas aos seguintes espaços: Real, Atos de Fala, Epistêmico, Metalinguístico e Metatextual. O Espaço Real é compreendido



como a localização física do emissor e do receptor. Sobre essa concepção, Nunes (2014), ao analisar narrativas em Libras com base em mescla em espaço real, descreve que Liddell (2003) analisa em sua obra *Gramática, Gestos e Significados na Língua de Sinais Americana* estudo do espaço real e da mescla em espaço real (*Real Space Blend – RSB*) nas línguas de sinais, em especial, na Língua de Sinais Americana – ASL. Para Liddell (2003), espaço real é a conceptualização de alguém sobre a percepção do espaço e dos componentes integrantes desse espaço.

O Espaço de Ato de Fala é o espaço onde o emissor e o receptor estão engajados em uma situação comunicativa associada a um ato da fala, quer seja um pedido, uma ordem ou uma oferta, por exemplo. A compreensão do processo comunicativo recebeu contribuições dos estudos de Austin<sup>2</sup>, pois, ao analisar uma situação comunicativa, é possível considerar se tal enunciação é *performativa* (pratica uma ação) ou *conotativa* (apenas informa), e quais atos são realizados enquanto se fala, a saber: *o ato locutório*, o que se diz - fonético (produção de uma sequência de fonemas), fático (produção de vocábulos estruturados sintaticamente) e rético (produção de palavras e frases com significação); *o ato ilocutório*, o que se faz *no dizer*, de uma forma convencional e de acordo com regras; e *o ato perlocutório*, aquilo que se faz através do dizer.

O Espaço Epistêmico é onde emissor e receptor são sujeitos cognitivos com estados e processos mentais. Nesse espaço, encontram-se as facetas de cada interlocutor. Por exemplo, são as conclusões e os resultados de raciocínio que os interlocutores realizam durante o discurso.

O Espaço Metalinguístico apresenta os diversos pareamentos que constroem a forma e o significado. E, por último, o espaço Metatextual que armazena o histórico da conversa presente no discurso.

Em suma, uma situação comunicativa gera uma rede de espaços mentais que é composta por dois pólos: o *ground* e o domínio do conteúdo. Diferente de propostas anteriores da Teoria dos Espaços Mentais com um único Espaço

---

<sup>2</sup> J. L. Austin proferiu doze conferências, conhecidas por The William James Lectures na Universidade de Harvard em 1955. Em 1962, após a morte de Austin, seus conceitos foram publicados em um livro, com o título *How To Do Things With Words*.

*Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 12, p.118-134, 2018



Base, o *ground* é formado por cinco espaços, divididos em dois grupo: primeiro grupo - Espaço Real, Espaço de Ato de Fala e Espaço Epistêmico, que representam as facetas dos interlocutores; segundo grupo - Espaço Metalinguístico e Espaço Metatextual. Pinheiro (2010, p. 48), propõe o seguinte diagrama (Fig. 3), adaptado da obra de Ferrari e Sweetser (2012):

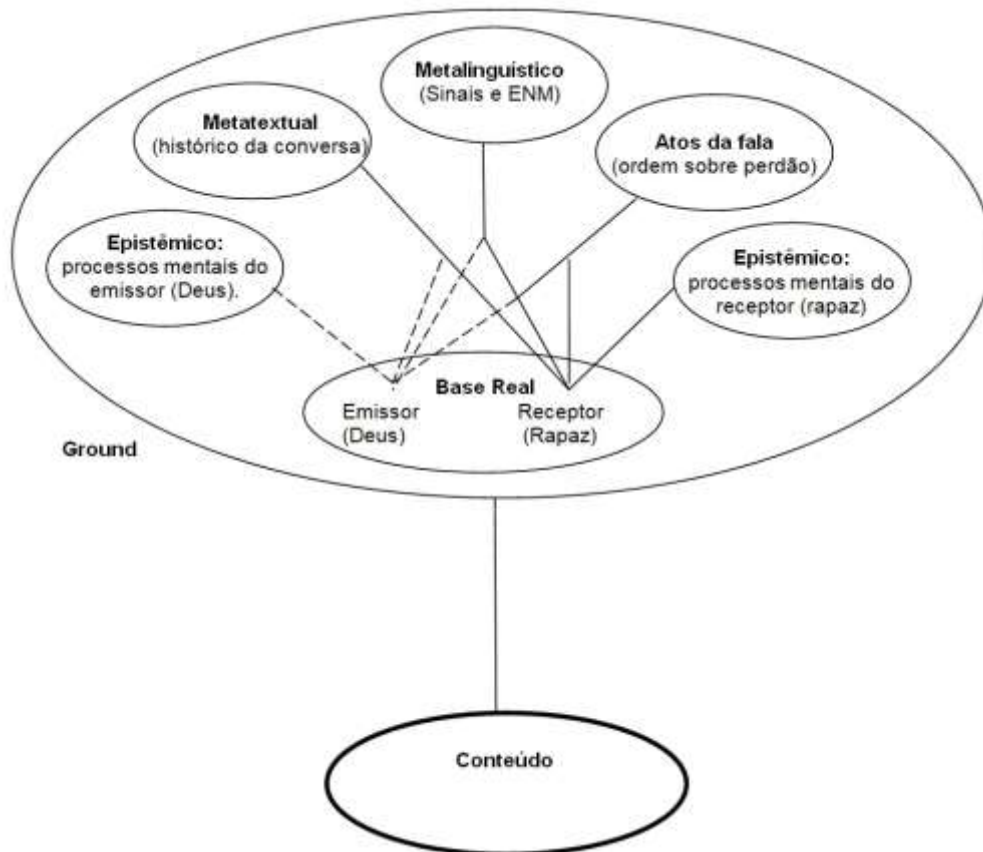


Figura 3 – Rede de Espaços Comunicativos Básicos

Dessa forma, a comunicação acontece em um espaço e tempo específicos (Espaço Real), com interlocutores, promovendo atos de fala (Espaço de Atos de Fala), dotados de capacidade cognitiva (Espaço Epistêmico), e produtores de discursos linguísticos (Espaço Metalinguístico) em dada conversa (Espaço Metatextual) sobre determinado conteúdo (Domínio do Conteúdo).

### Língua Brasileira de Sinais – Libras e a RECB

---

A Libras é uma língua, parte do artefato cultural do povo surdo, que revela traços históricos, culturais, e a forma como o surdo descreve o mundo ao seu redor. As línguas de sinais, assim como as línguas orais, possuem uma estrutura que permite a expressão de qualquer conceito, seja concreto ou abstrato, o que distingue essas línguas são seus canais de comunicação. A língua oral utiliza o meio oral e auditivo, a língua de sinais usa o canal visual-espacial.

Assim como as palavras de línguas orais são produzidas por sons, os sinais em línguas espaciais são constituídos por movimentos da(s) mão(s). Ao contrário dos sons, os movimentos da(s) mão(s) são objetos visíveis no e sobre o mundo. Os sinais, acompanhados por expressões não manuais, como as expressões faciais, possibilitam produções simultâneas, por exemplo, ao realizar uma frase interrogativa ou exclamativa, sinais são produzidos e a marcação de interrogação ou exclamação fica a cargo da expressão facial.

Diversos estudos sobre línguas de sinais têm sido realizados, seguindo diferentes correntes linguísticas. Muitas pesquisas apresentam a visão segmentada da língua, propondo estudos específicos de fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica que contribuem para uma visão estrutural da gramática com uma perspectiva modular da mente humana.

Essas obras têm possibilitado a compreensão do funcionamento das línguas que usam um canal viso-espacial. Entretanto, por se basear em propostas da Linguística Cognitiva, que não descrevem a língua por meio da modularidade da mente, esta pesquisa, durante a análise dos dados, propõe um olhar diferenciado sobre fenômenos linguísticos na Libras, produzido por meio de processos cognitivos.

Compreendendo que RECB aplica-se a todo processo comunicativo, independente da modalidade da língua, oral ou sinalizada, observa-se na imagem abaixo a presença de três personagens (Fig. 4). Esses personagens realizam sentenças por sinais na Língua Brasileira de Sinais - Libras.



Figura 4 – Deus, rapaz e senhor<sup>3</sup>

Diversas interpretações dessa imagem seriam possíveis, tendo em vista que todos os sinais estão sendo realizados simultaneamente, mas, para realizar a análise dessa conversa, optou-se pela seguinte ordem de compreensão: (a) Deus avisando ao rapaz para ele perdoar; (b) o senhor pedindo perdão e o rapaz aceitando o pedido de desculpas. Nessa imagem, há duas relações comunicativas: (i) Deus e o rapaz e (ii) o rapaz e o senhor.

Como o desenho demonstra as comunicações simultaneamente, não se sabe qual das ações ocorreram primeiro. Para organizar a análise dos dados, primeiramente, faz-se um diagrama de (i):

---

<sup>3</sup> A imagem original possui textos em português. Tendo em vista que esta pesquisa é sobre a Língua Brasileira de Sinais, optou-se por apresentar apenas a sinalização em Libras. O desenho original encontra-se disponível em <http://daniepereira.blogspot.com.br>, acessado em 13 de Nov de 2016.

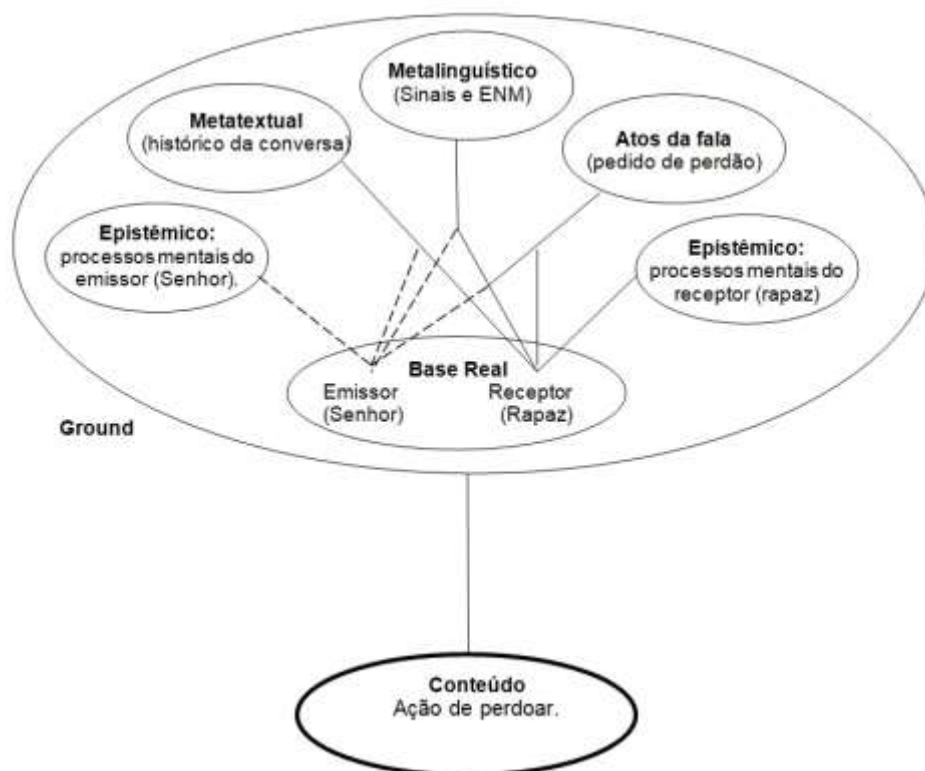


Figura 5 – RECB: conversa entre Deus e o jovem

No *ground*, há o Espaço Real formado pelo tempo presente (tempo real da conversa) e também pela presença no mesmo plano físico dos personagens. Apesar de, no desenho, Deus ser representado em um espaço físico diferente, nas nuvens, suas mãos alcançam o rapaz. Logo, a imagem descreve uma onipresença por meio da personificação de Deus e de suas mãos.

No Espaço Metatextual, há o registro de toda a conversa, isto é, a ação de Deus ordenando ao rapaz que ele deve perdoar e o rapaz aceitando a ordem. No Espaço Metalinguístico, o rapaz realiza o sinal ACEITAR, formado pelas mãos direita e esquerda abertas, fechando, em seguida, em um movimento para baixo. A expressão facial é condizente com uma ação afirmativa. O sinal ACEITAR expõe uma relação metafórica: ACEITA É PEGAR, ou seja, o perdão é pego (mãos abertas) e guardado (mãos fechada).

Já na sinalização de Deus, a mão direita aponta para o rapaz em uma configuração de mão em “d”, destacando a localização do jovem, apresentando na Libras o sinal VOCÊ. Simultaneamente, a mão esquerda, na configuração de

*Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 12, p.118-134, 2018

---

mão em “y” é posicionada, onde pode se deduzir ser o “queixo” da nuvem/Deus, que, pelo contexto, seria o sinal PERDOAR/DESCULPAR.

No Espaço Atos da Fala, há uma ordem de perdoar, sendo enviada ao rapaz por Deus. Compreende-se como uma ordem e não um pedido, devido ao estereótipo de Deus representar uma entidade que, ao longo da história, transmite mandamentos ao homem. Logo, no Espaço Epistêmico do emissor, há a formulação de uma ordenança e no Espaço Epistêmico do receptor, a compreensão e conclusões cognitivas sobre essa ordem que o leva a produzir o sinal ACEITAR.

No Domínio do Conteúdo, encontra-se o foco da conversa que apresenta a relação entre as ações de ordenar e aceitar perdão. Ou seja, o rapaz aceita a ordem de Deus que é perdoar.

Seria possível a compreensão da ordem de ações com o senhor pedindo desculpas ao rapaz e Deus avisando ao rapaz para perdoar. Todavia optou-se por analisar Deus avisando o rapaz e, conseqüentemente, o senhor falando com o jovem. Por isso, apresenta-se o diagrama (Fig. 6) para a conversa (b), o senhor pedindo perdão, e o rapaz aceitando o pedido de desculpas.

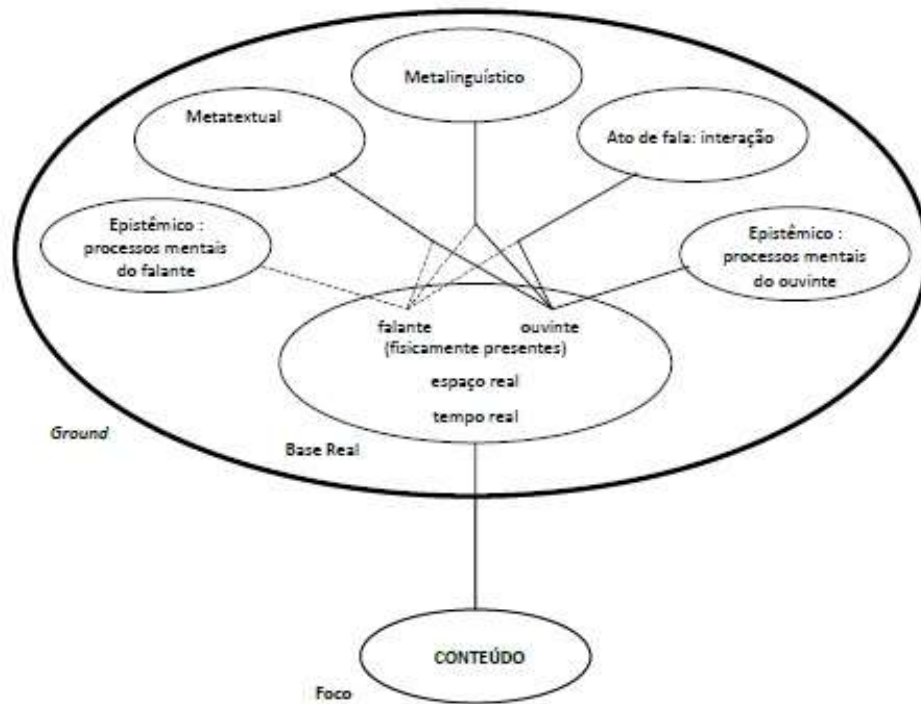


Figura 6 – RECB: conversa entre Deus e o jovem

No Espaço Real, encontram-se no mesmo tempo e no mesmo lugar físico o rapaz e o senhor. No Espaço Metatextual, o registro da conversa, o pedido e a aceitação da desculpa. No espaço Metalinguístico, o emissor com a expressão facial de arrependimento, tristeza, sinaliza o sinal VOCÊ com a mão esquerda em “d”, apontando para o jovem e a mão direita em “y”, abaixo do queixo, sinalizando DESCULPAR/PERDOAR. O rapaz permanece realizando o sinal ACEITAR, pois ele aceita a orientação de Deus e aceita também o pedido de desculpas do senhor.

No Espaço Epistêmico do emissor, há a intenção de conseguir ser perdoado por alguma ação equivocada passada. E no Espaço Epistêmico do receptor, há a análise dos fatos, isto é, a ordem de Deus e o pedido de desculpas do senhor, que leva o jovem a aceitar a desculpa.

No Espaço de Atos de Fala, como o rapaz e o senhor estão em uma relação de igualdade (humanos), diferente da relação anterior (Deus e o rapaz), o ato da fala é o de pedido, e não de ordem, pois cabe ao rapaz aceitar o não tal pedido.

No Domínio do Conteúdo, encontram-se a mensagem veiculada de pedir desculpas e a aceitação do rapaz. Acessa-se o domínio PERDÃO, que gera um Princípio de Acesso a domínios de ações passadas, isto é, para pedir perdão, infere-se que algo errado aconteceu, embora isso não seja descrito na imagem. Todavia possibilita a compreensão de ações sobre “pedir perdão” e “aceitar perdão” envolvidas na conversa.

### **Considerações finais**

A Teoria dos Espaços Mentais possibilita o entendimento da Rede de Espaços Comunicativos Básicos, que torna visualmente compreensível as relações comunicativas entre emissor e receptor, descrevendo o conteúdo veiculado nas relações presentes no discurso (Espaço de Atos da Fala, Espaço Real, Espaço Metatextual, Espaço Metalinguístico e Espaço Epistêmico). Assim, esse modelo possibilita um estudo que abarque características linguísticas, cognitivas e pragmáticas subjacentes às interações.

Sendo a Libras uma língua viso-espacial, um diagrama visual colabora para a compreensão das relações linguísticas dessa língua. Optou-se por realizar dois diagramas para cada segmento de conversa, mas indaga-se a possibilidade de apresentar apenas um diagrama, tendo em vista que, na Libras, existe a possibilidade simultânea de conversação.

Outra questão a ser levantada com a análise liga-se ao conceito proposto para Espaço Real, definido como localização e tempo iguais para os interlocutores. No caso da tira estudada, o tempo, o momento do diálogo entre o rapaz e Deus era o mesmo, mas será que a localização seria a mesma? Não estaria Deus nas nuvens e o rapaz na terra na imagem? Ou estaria Deus e o Rapaz no mesmo local? O Espaço Real seria o mesmo? Na análise da imagem, optou-se por considerar que se tratava da mesma, a fim de manter o conceito de Espaço Real. Contudo, o que dizer de conversas por meio de telefones, de chats da internet, quando os interlocutores estão distantes, em locais diferentes, mas mantêm o contato visual?



Dessa forma, tem-se uma ferramenta de estudo que torna compreensíveis as situações comunicativas, quer sejam em línguas orais, como os autores da teoria aplicaram, quer sejam em língua de sinais, como é a proposta desta análise.

### Referências Bibliográficas

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. 2. ed., Oxford University Press, 1962.

BERNARDO, S. P. **Foco e ponto de vista na conversa informal: uma abordagem sócio-cognitiva**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2002. 221 f. Tese de Doutorado em Linguística.

CUTRER, M. **Time and tense in narratives and everyday language**. Ph.D. Dissertation. University of California, San Diego, 1994.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994 [1985].

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_, SWEETSER, E. **Subjectivity and upwards projection in mental space structure**. In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. (Orgs.) **Viewpoint in language: a multimodal perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

\_\_\_\_\_, ANDRADE, H. de. **Subjetividade e Conectivos causais no Português Brasileiro**. Montevideu: Linguística, Vol. 31-1, junho, 2015.

LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=t2t4My\\_elcQC&pg=PA6&hl=ptBR&source=gbs\\_toc\\_r&cad=4#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=t2t4My_elcQC&pg=PA6&hl=ptBR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 4 set. 2013.

NUNES, V. F. **Narrativas em Libras: análise de processos cognitivos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PINHEIRO, D. O. R. **A inversão do sujeito no português brasileiro: uma abordagem cognitivista**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-

---

Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SANDERS, T.; SWEETSER, E. (Orgs.). **Causal categories in discourse and cognition**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.

**Sobre as autoras:****Valeria Fernandes Nunes**

Cursou licenciatura em Letras - Português/Inglês e Português/Literatura (Faculdades Simonsen), especialização em Língua Portuguesa (Faculdades Simonsen) e em Interpretação da Língua Brasileira de Sinais (UNIP), mestrado e doutorado em linguística (UERJ). Atualmente, é professora adjunta de Libras do Departamento de Letras/Libras (UFRJ) e desenvolve pesquisas sobre processos linguístico-cognitivos em línguas de sinais.

**Sandra Pereira Bernardo**

Graduou-se em Português-Literaturas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990). É mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995) e doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Como Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua na graduação e na pós-graduação, ministrando disciplinas da área de Linguística. Desenvolve pesquisa em Linguística Cognitiva, com estudos sobre Integração Conceptual, Metáfora e Gramática de Construções. Lidera o grupo de pesquisa NELUC – Núcleo de Estudos Língua em Uso e Cognição.